NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

KONINGS, Johan: *Liturgia da Palavra, caminho da fé.* Ano B: Jesus o Messias. — São Paulo: Ed. Paulinas, 1987. 70 pp., 22,5x15,4 cm. ISBN 85-05-00782-4.

Ao apresentar o primeiro opúsculo da série, publicado para o ano litúrgico que passou, já houve oportunidade de explicar aos leitores desta revista a concepção geral da obra: cf. *Persp. Teol.* 19 (1987) 97-98. J. K. continua agora seu trabalho com as reflexões para o ano B, caracterizado pela leitura do Evangelho de Marcos (complementado com longos trechos do de João). A temática escolhida para completar um ciclo de três anos de catequese dominical é a cristológica. Além das reflexões para os domingos, são apresentadas também para as festas que no Brasil sempre se transferem para domingo (São Pedro e São Paulo, Assunção de N. Sra., Todos os Santos) e para a festa da Imaculada Conceição que, se não é transferida por ocorrer no Advento, onde os domingos tem um peso especial na liturgia, pode no Brasil ocorrer em domingo, caso dia 8 de dezembro caia nesse dia da semana.

Resta felicitar o A. por mais este subsídio tão útil e prático para o preparo da homília, catequese de adultos, círculos bíblicos, meditação pessoal. Aguardemos o ano C.

F. T.

ALFARO, Juan: *Maria, a bem-aventurada porque acreditou.* / Tradução (do espanhol) Luiz João Gaio. — São Paulo: Ed. Loyola, 1986. 90 pp., 17,9x11,9 cm.

Este opúsculo do conhecido teólogo, professor da Universidade Gregoriana, condensa a doutrina mariológica do Vaticano II e procura levar adiante algumas das intuições conciliares, confrontando-as com os pontos mais salientes da doutrina do último Concílio.

O cap. I expõe a mariologia do Vaticano II, acentuando o horizonte em que deve ser vista. Os seguintes cap. destacarão alguns desses aspectos.— O cap. II estuda a função de Maria no evento da salvação, procurando acentuar o caráter singular, mas evidentemente subordinado, receptivo, do papel de Maria.— O cap. III procura articular com a mariologia a afirmação eclesiológica do Vaticano II sobre a Igreja como "sacramento universal da salvação". Ele sintetiza a reflexão em poucas palavras: "Por isso, Maria é o protótipo da comunidade eclesial, a pessoa que representa a plenitude do ser da Igreja e que exerce uma função em favor de toda a Igreja" (63). — O cap. IV explicita, no horizonte de uma teologia da esperança e da libertação, o sen-

tido da afirmação conciliar: "Maria, sinal de esperança certa e de consolo para o povo peregrino de Deus" (67).

Um livro sem pretensões, mas sólido, sóbrio, cristocêntrico, eclesiológico. À luz de uma exegese mais crítica do ponto de vista da historicidade, haveria algumas ressalvas a fazer.

O livro traz quatro ilustrações que mais lembram os borrões do teste de Rohrschach, com a desvantagem de não serem coloridos. A capa do mau gosto não raro nas publicações da editora.

F. T.

ÉNARD, Albert: *Alegra-te, Maria*: introdução à prece marial. / Prefácio A.-M. Carré; tradução (do francês) Paulo Nacca. — São Paulo: Ed. Loyola, 1987. 124 pp., 20,8x13,8 cm.

O A., da Ordem de São Domingos, preconiza uma renovação da oração do rosário, no espírito do Concílio. Num primeiro momento propugna mudar a tradução da "Ave Maria" no sentido etimológico de "alegra-te, Maria". Para isso refere os exegetas que defendem a tradução do grego "chaire" não no sentido chão de "alô! bom dia!" (= "ave", em latim), mas no sentido próprio da palavra: "alegrate". Traz uma abundante antologia de textos da Patrística grega, onde se mostra como os Padres entenderam "chaire" no sentido de exortação à alegria e, de diversas maneiras, relacionaram-no com a "saudação angélica" que o A. prefere chamar de "saudação evangélica", pois "evangelho" é boa nova, causa de alegria. A seguir mostra o empobrecimento que significou a tradução latina "ave" e como — apesar de tudo, também na Igreja Latina — não faltaram autores que procuraram encontrar um sentido nessa prosaica saudação ou intuíram a importância de dirigir-se a Maria com um "alegra-te", "gaude".

Num segundo momento propõe uma reestruturação dos mistérios do rosário, de forma a dar-lhes mais coerência com a visão bíblica e conciliar, no sentido da centralidade do Mistério Pascal e recuperando também a vida pública. Lembra que havia grande variedade de rosários e a atual forma habitual provém de S. Pio V. É, pois, possível e necessário mudar. Dá ainda outras sugestões para a reza do rosário.

Teologicamente saliente-se a teologia da "prece marial" que não é um oração a Maria, mas uma oração *com* Maria, já que a única prece cristã é a que Cristo dirige ao Pai e a que nos associamos.

Não obstante a sobriedade e seriedade do escrito, às vezes ultrapassa o dado bíblico mais evidente. — O tradutor cochilou à p. 66, traduzindo o "entendre" francês da versão do famoso 4º sermão de São Bernardo "In laudibus B.M.V" como se fosse "entender", quando de fato deveria ter sido traduzido por "ouvir" conforme o original latino e o próprio francês. Igualmente à p. 89 a forma francesa acaba transformando Evágrio do Ponto em Evagre da Ponte... Mas são imperfeições ou quando muito "pecados veniais" no imenso universo de "pecados mortais" das tra-

duções teológicas brasileiras. — De resto, a capa é sem gosto, como também não é raro na produção editorial teológica brasileira.

F. T.

GALVÃO, Antônio Mesquita: *Magnificat: o evangelho segundo Maria.* — Petrópolis: Ed. Vozes, 1987. 70 pp., 18x13 cm.

Opúsculo de meditações sobre o Magnificat. O A., leigo, casado, administrador de empresas e professor universitário, medita sobre o Cântico de Maria, frase por frase, procurando atualizar sua mensagem.

Livro simples, sem pretensões teológicas ou exegéticas. O teólogo poderia, p. ex., encontrar expressões insuficientes, como à p. 30: "Maria foi escolhida por suas virtudes, é claro... "A frase poderia ser entendida num sentido pelagiano, contra a prioridade da graça na escolha feita por Deus.

Como positivo, salientem-se as páginas sobre os ricos (52ss), escritas com sensibilidade social e abertura à problemática da classe média, a que o A. sem dúvida pertence.

F. T.

BROWN, Raymond E.: *A concepção virginal e a ressurreição corporal de Jesus.* / Tradução (do inglês) Yolanda Steidel Toledo. — São Paulo: Ed. Loyola, 1987. 126 pp., 20,8x13,8 cm.

R. E. B., conhecido exegeta católico americano, estuda neste livro, a nível de alta divulgação, os dois problemas que constituem seu título. Procura apresentar o que se pode afirmar a respeito com base nos resultados da melhor exegese crítica da época (o livro foi publicado em inglês em 1973!).

O livro é escrito com seriedade, concluindo que os estudos bíblicos até o momento não favoreciam o abandono da realidade da concepção virginal. Deixando espaço a futuros estudos ecumênicos — de que efetivamente veio a participar e resultaram na obra *María en el NT*, (Salamanca: Ed. Sígueme, 1982; nota bibliográfica em *Persp. Teol.* 17 [1985] 406-407; parece haver tradução brasileira pelas Ed. Paulinas) —, R. E. B. crê mais fácil explicar a tradição da concepção virginal pela historicidade do fato que pela criação teológica.

Quanto à ressurreição, reafirma a corporalidade, ao mesmo tempo que insiste em que a ressurreição de Jesus não é mero reavivamento de um cadáver. O corpo ressuscitado é espiritual, não físico; mas é *corpo*!

Um livro simples, claro, acessível, com visível intenção de defender a exegese crítica contra os ataques dos fundamentalistas católicos. A tradução não está

mal, embora não deixem de escapar algumas expressões e construções inexatas ou estranhas e haja também erros que se devam atribuir ao corretor das provas.

F.T.

SCHWAB, Artur (org.): *Orações a Maria*: seleção de orações a Nossa Senhora do ano 200 ao século XVI. / Prefácio Estêvão Bettencourt. — São Paulo: Ed. Loyola, 1987, 85 pp., 15,8 x 11 cm.

Como o subtítulo indica, o organizador reúne 26 orações a Maria, desde a mais antiga, "Sub tuum praesidium" (séc. III) até o séc. XV (e não o séc. XVI, cf. subtítulo, pois a mais nova é o "Memorare"). Cada oração é precedida de brevíssima nota histórica. Na delimitação do tempo (séc. XVI) parece estar uma leve nota antiprotestante, como o dá a entender a introdução (p. 7-8).

O grande mérito do opúsculo é tornar facilmente acessíveis fórmulas da melhor tradição da prece mariana, como o Hino Acatisto. — Infelizmente a capa é de extremo mau gosto.

F.T.

PIACENTINI, Ernesto M.: *Maria no pensamento de São Maximiliano Kolbe*. / Prefácio Cardeal Wladyslaw Rubin; tradução (do italiano) Luiz João Gaio. — São Paulo: Ed. Loyola, 1987. 86 pp., 20,8 x 13,7 cm.

O A. expõe a doutrina mariológica de M. K. em seus três pontos-chave: Imaculada Conceição, mediação e maternidade (divina e espiritual), concatenados entre si — segundo a tese do A. — pela idéia da Imaculada Conceição como definição essencial do ser de Maria. M. K. defende que o Espírito Santo é "a Imaculada Conceição incriada" (!) e Maria "a Imaculada Conceição criada". Esta é, de alguma maneira, "a encarnação do Espírito Santo" (27). A esdrúxula tese (heterodoxa e anti-ecumênica) já é conhecida entre nós, em parte defendida pelo livro de L. Boff, *O rosto materno de Deus* (Petrópolis: Ed. Vozes, 1979; cf. *recensão Persp. Teol.* 14, 1982, 386-388).

O A. ainda pretende ver resquícios ecumênicos na doutrina da mediação universal, segundo a explicação de M. K.. Ela consistiria não em ir a Cristo por Maria, como que passando por Maria, mas em ir a Cristo *com* Maria (cf. 39).

O recenseador se pergunta para que traduzir uma obra como esta. Deixemos M.K. com a grandeza do sacrifício de sua vida; não queiramos fazer dele um teólogo.

F.T.